OS TEMPOS NO ASILO:

Uma reflexão sobre uma experiência de estágio em Psicologia Social

Lucas Graeff¹

Resumo

Este artigo é a síntese de uma dimensão da experiência de estágio em psicologia social realizada durante 10 meses, entre os anos de 2002 e 2003, no Asilo Padre Cacique. O objetivo deste texto é imprimir a sensação de que há tempos próprios à condição de um asilo, em geral, contrastantes com os tempos da contemporaneidade. Para traduzir esta sensação, recorro a um estilo narrativo, através do qual é possível destacar alguns episódios e fragmentos da experiência, e à fotografia, que permite realçar outros aspectos e momentos próprios de minha passagem pelo asilo. Apesar de entender que os tempos vividos no asilo e suas repercussões são produtos exclusivos de minha experiência, a idéia é traduzir para o leitor uma visão específica da questão asilar.

Palavras-chave: Asilo. Narrativa. Fotografia.

1 Introdução

Durante os dez meses em que realizei o estágio de Psicologia Social, tive a percepção de que há tempos próprios à condição de um asilo, em geral, contrastantes com os tempos da contemporaneidade. Essa percepção de contraste não pode ser demonstrada. Porém, acredito que possa ser transmitida ou traduzida através da narração de fragmentos da experiência que passei entre os anos de 2002 e 2003 no Asilo Padre Cacique em Porto Alegre/RS. A proposta deste artigo é apresentar uma dimensão dessa experiência, possibilitando ao leitor uma leitura alternativa da questão asilar.

A dimensão que pretendo tratar neste artigo diz respeito à construção

¹ Estudante do 10º semestre de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS. E-mail: lucasgraeff@ig.com.br

de um trabalho coletivo com os idosos a partir de narrativas individuais. A idéia que deu forma a essa proposta surgiu após algumas semanas de ambientação no estágio, quando pude perceber como o asilamento dificulta a lembrança e contribui para o esquecimento, seja pela assepsia aplicada durante o ingresso na instituição (o sujeito precisa selecionar roupas e pertences que irá levar consigo) ou pelo afastamento dos laços sociais (como a família, a vizinhança, etc.).

Interessado nessas questões, resolvi propor um trabalho coletivo com os idosos a partir da construção de um caderno de fotografias e lembranças dos personagens do asilo. O objetivo desta intervenção foi construir e aprofundar as relações entre os idosos institucionalizados, visando o reconhecimento mútuo das histórias individuais, suas peculiaridades e semelhanças. No caderno, foram trabalhadas imagens do asilo e narrativas de aspectos do dia-a-dia do asilado (sem desconsiderar outras lembranças de sua vida), visando documentar as narrativas dos idosos e costurá-las na própria história da instituição.

De certa forma, o caderno poderá servir, no futuro, como uma referência para a formação de uma memória coletiva do asilo. Ou seja: além de estar preocupado com a permanência das histórias individuais, procurei agregá-las e transformá-las numa reflexão sobre a coletividade.

Ao mesmo tempo, o caderno de fotos e narrativas serviu para levar o asilo para “fora”, na medida que duas cópias foram solicitadas pela direção do Padre Cacique. Essas cópias foram usadas em programas de televisão, no contato com associações que poderiam contribuir com o asilo (e, dessa forma, o caderno serviu como sensibilizador) e na apresentação para visitantes, pois as imagens e histórias traziam aspectos únicos do asilo, captados por um olhar e uma escuta específica.

2 Um Tempo No Asilo: a memória fotográfica

No anonimato das grandes cidades [ou do asilo?], o sujeito está absolutamente sozinho no meio da multidão. Fora do espaço doméstico e das relações de camaradagem eventualmente desenvolvidas no ambiente de trabalho ele não tem visibilidade nenhuma. Não é ninguém. Quem vai contar sua história depois que ele morrer? Quem vai se encarregar de incluir sua passagem pelo reino desse mundo entre as narrativas que em outras épocas

davam sentido à vida de uma comunidade? O álbum de fotos de família é a única chance de perpetuação de sua memória, pelo menos entre aqueles que conviveram com ele e puderem se lembrar: 'esse aqui é o fulano' [. . .]. (KEHL, 2002, p. 33)

Era o início de meu percurso no asilo. Muitas pessoas, muita coisa para fazer. Então, resolvi formar um grupo. Nenhuma novidade: todos os que chegam ao asilo para realizar algo com os idosos pensam em formar grupos. Não fui diferente e, como todos, enfrentei a impossibilidade de reunir sistematicamente um grupo de idosos.

Comecei a pensar em algum dispositivo, algo que servisse de objeto comum para discussões. A resposta veio rápida: por que não usar fotografias antigas de Porto Alegre? Talvez fosse um tópico de interesse a um maior número de idosos. Fiz pesquisas na Internet e encontrei fotos da Carris (empresa de transporte público de Porto Alegre): eram ruas e praças antigas e, inclusive, a foto do primeiro bonde da cidade, com tração animal.

A primeira tentativa de formar um grupo a partir das fotografias foi em junho de 2002, num dos quartos da ala feminina do asilo. Todas as senhoras que viram as fotos se surpreenderam: as roupas, as ruas de terra e os veículos... Tudo era novo para elas. Sim, novo! Essa foi a minha surpresa: elas não estavam familiarizadas com aquelas imagens. E, em seguida ao deslumbramento, cada uma volta para seu canto.

A partir desse episódio, dei-me conta de duas coisas: a) que as fotos eram, em geral, mais antigas que os idosos (os que já eram vivos na época ainda eram crianças); e b) que os moradores do asilo não eram de Porto Alegre, mas, em sua maioria, do interior do Rio Grande do Sul.

Frente a isso, cheguei a tentar mapear as cidades natais dos idosos e logo percebi que muito poucos tinham proveniência comum. Não faria sentido, então, buscar fotos dessas cidades, pois meu objetivo era encontrar temas comuns. Como nesse período eu já estava de posse de uma máquina digital, que me fora emprestada para fotografar as fotos encontradas nos museus, optei por outro caminho. O que havia de mais comum entre os idosos asilados, senão o próprio asilo Padre Cacique?

As primeiras fotografias² que fiz do asilo foram de arquitetura, em especial o que havia de mais bonito: a fachada, os jardins e os corredores. O sol refletido nos arcos não exigia muito do fotógrafo iniciante: como frutas

² Algumas fotos encontram-se anexadas ao final do texto.

maduras, as fotos estavam ali, prontas para serem colhidas.

O uso do equipamento digital disponibilizou prontamente as primeiras imagens. Logo no dia seguinte já pude levar fotografias para o asilo. Novamente, a primeira mostra foi na ala feminina (escolhi, inclusive, o mesmo quarto, pois queria comparar as experiências). Uma pequena diferença foi notável: ao invés de se surpreenderem com o passado e lugares desconhecidos, desta vez havia um sentimento de familiaridade. Ao mesmo tempo, todas se surpreenderam com a beleza do asilo. Porém, nenhuma foto pareceu evidenciar lembranças capazes de remontar histórias passadas.

O movimento do grupo foi parecido: surpresa inicial, algumas tentativas de compartilhar as imagens (uma mostrava à outra, que se mostrava interessada pelas demais fotos) e um curto período de reunião. A curiosidade com a novidade – e não com o conteúdo – parecia ser o motivo para se reunir em torno das fotografias. Logo que todas eram vistas, uma a uma as idosas voltavam para seus afazeres.

Surpresa maior ocorreu no encontro seguinte, quando mostrei as fotos do primeiro encontro. Elas não lembravam, mas foram irônicas ao dizer que eu havia “tirado as fotos escondido”. Justifiquei-me dizendo que assim as fotos eram mais espontâneas e que elas poderiam se ver por outros ângulos. Após esse dia, eu receberia uma nova identidade: o fotógrafo.

2.1 Psicólogo ou Fotógrafo?

O uso da máquina de fotografar, que eu costumava levar a tira-colo nos primeiros meses de estágio, causou uma pequena confusão. Afinal, qual era o meu trabalho no Padre Cacique? A confusão não se deu por acaso, mas foi construída a partir de pelo menos três cruzamentos: minha paixão redescoberta por fotografia, o gosto dos idosos por imagens e a aprovação institucional do uso das fotos.

Desde criança sou um apaixonado pela observação. Quando adolescente, costumava me sentar no cordão da calçada e olhar as expressões dos que passavam. Até mesmo nas festas juvenis eu cheguei a realizar minhas observações. O que mais me divertia era como as pessoas eram diferentes quando não estavam envolvidas numa conversa: seus olhares divagavam e eu costumava imaginar quais pensamentos estavam se passando logo atrás daqueles olhos.

De posse de uma máquina fotográfica, geralmente preferia tirar fotos

do tipo *cartão-postal*: paisagens turísticas, de preferência sem pessoas aparecendo. Não tinha muita paciência ou interesse nas poses. Era justamente o contrário da minha diversão de adolescente: ao invés de espontaneidade, havia um olhar fixo, que se somava ao sorriso armado e, não raro, a mãos que faziam gestos comuns (o.k., *hang-loose*, etc.). Portanto, preferia as imagens da natureza.

Porém, desde que entrara na faculdade eu havia esquecido a diversão da fotografia. Meu olhar estava cercado de livros e quadros-negros e já não podia se perder na natureza. O tempo passava e era impossível parar na fotografia. Havia tanto tempo desde a última foto apaixonada que eu sequer lembrava do barulho do obturador (clic!).

Finalmente, cheguei ao asilo. Como meu olhar não estava treinado, a idéia de fotografar não veio de imediato. Parece que ela só pôde se realizar através de uma confluência de motivos: o desejo de agrupar os idosos, a arquitetura poderosa do asilo e a beleza natural dos jardins. Aos poucos, um motivo foi se somando ao outro e comecei a fotografar.

O interesse dos idosos pelas fotos ficou evidente já nas imagens de Porto Alegre. Apesar de não ocorrer o que eu esperava – que a fotografia servisse como ponto de partida para uma cadeia associativa – havia uma curiosidade pelo material. Não cheguei a experimentar outras alternativas para reunir o grupo, mas talvez as fotos tenham servido como um escape à rotina do asilo. Daí a sua popularidade. Porém, a força da rotina era maior, fazendo com que, em seguida, os idosos voltassem aos seus afazeres. De qualquer forma, a reunião a partir das fotografias foi a primeira tentativa bem-sucedida que fiz no asilo, já que cumpriu o objetivo de congregação e, surpreendentemente, atribui-me uma identidade na casa.

Após alguns encontros com três grupos de idosos (dois na ala feminina e um na masculina) fui mostrar o trabalho para a assistente social. Eu estava satisfeito com alguns resultados e gostaria de torná-los visíveis à Instituição. A assistente social recebeu-me com interesse e admirou as fotos. Na oportunidade, solicitou-me algumas cópias para mostrar à direção do asilo, tarefa que realizei prontamente. A partir desses contatos, a intervenção com fotografias ganharia fôlego e uma nova – e imprevista – etapa se iniciaria: a montagem de um caderno de fotos do asilo.

A apresentação das fotos tomou o interesse da direção do asilo. Num

primeiro momento, foram-me solicitadas cópias das fotografias – que eu tinha em meu computador – para que fossem exibidas num programa de televisão. Satisfeito com a repercussão, produzi as cópias e esperei o resultado. Segundo o relato da assistente social, as imagens tinham sido exibidas num canal televisivo durante entrevista com o diretor do asilo e haviam causado uma boa impressão.

A partir desta primeira exposição pública, fui solicitado a realizar um caderno de fotografias do asilo. O diretor teve a idéia de simular uma visita pela Instituição através do caderno. Interessei-me pela solicitação e prontifiquei-me em realizá-la, exigindo uma única contrapartida: que além das fotos da instituição, eu pudesse incluir narrativas dos moradores do asilo a partir do caderno. Ou seja: usar o material como um dispositivo capaz de revelar histórias de vida no asilo ou fora dele.

Mas não se tratava de um dispositivo qualquer. Era, na verdade, um material com forma e conteúdos móveis, que seria reelaborado a cada contato com os idosos do asilo. Ao mesmo tempo em que se objetivava – com as fotos e textos que eram colocados no caderno – conseguia promover novas reflexões a respeito do dia-a-dia do asilo e das histórias individuais que estavam se perdendo com o passar dos tempos.

De que forma as fotografias contribuíam na recuperação das memórias? Em Bergson (1999), a lembrança é uma memória espontânea, mas que surge a partir de um referencial externo. Ou seja: como na famosa imagem proustiana do chá, em que o escritor é tomado por memórias da infância a partir de elementos como o aroma e o gosto do que ele bebe, em Bergson um objeto ou algo da realidade remete o indivíduo a um conjunto de lembranças derivadas de sua experiência.

Mas não são apenas objetos em si que levam ao processo de rememoração. Com Halbwachs (1990), entendo que se faz necessário um contexto de sociabilidade para que os objetos assumam seus significados. Assim, apenas colocar o caderno de fotografias à disposição dos idosos não promoveria lembranças. É necessária uma relação que fundamente a expressão da memória coletiva: além de uma história, precisa-se de um narrador e alguém para testemunhar sua narrativa.

E na medida que são mudados os papéis, os temas e o contexto, novas histórias podem ser produzidas. Como no relato de Nelson, um morador do asilo há 6 anos, que pôde contar uma história nova para mim a partir de

uma fotografia específica. Esse relato – que envolvia um evento marcante no asilo, que poderia ter lhe custado a integridade física – não era conhecido por todos, como seria de costume.³ Tive certeza dessa impressão quando fiz um resumo da história para pessoas importantes no asilo, como a assistente social, alguns enfermeiros e um companheiro de quarto de Nelson.

Sua história remetia aos seus primeiros meses de asilamento no Padre Cacique. Nelson contou-me que, num dia qualquer, ele estava dando uma pequena caminhada nos corredores do asilo. Era um dia de primavera e o sol batia forte. Então, surpreendentemente, ele se deparou com um grande sabiá a sua frente; o pássaro havia ido além dos limites dos jardins, voando até as pedras frias do chão do asilo.

Nelson contou que se maravilhou com a cena e parou para admirar o sabiá. Mas subitamente uma pedra despencou do teto e espatifou-se com o piso logo à frente de onde Nelson se encontrava. Segundo ele, não fosse o pássaro, aquela pedra o teria atingido e, provavelmente, não seria possível sobreviver ao impacto. E foi assim que o belo pássaro foi capaz de salvar a vida de Nelson.

Essa e outras histórias foram adicionadas ao caderno de fotos que construí no asilo junto aos idosos. A marca de todas elas são os pequenos detalhes que transformam um relato qualquer em uma história de vida. De certa forma, o que faz de um conjunto de fotos um caderno de memórias é a possibilidade de agrupar esses pequenos trechos biográficos e, acima de tudo, garantir alguma permanência para além do próprio relato.

2.2 A Vida que Passou e a Imagem que Ficou

Na busca pela promoção da permanência das histórias, uma personagem adquiriu um caráter especial: Maria (nome fictício), uma idosa de 79 anos que conheci num dos encontros semanais realizados na enfermaria feminina. Na época, eu havia escolhido trabalhar naquele local visto as impossibilidades de locomoção e comunicação das idosas dependentes. Eu já havia tentado realizar o trabalho com fotos em alguns dormitórios, mas só tive sucesso⁴ na enfermaria. A dependência me sensibilizou e trouxe a idéia de

³ Vale lembrar que Nelson costuma ser um importante “guia turístico” do asilo, dada sua capacidade de contar histórias com uma boa articulação. Além disso, ele é um dos idosos que produz escritos para a comunidade, tendo vencido o concurso “Talentos da maturidade” mais de uma vez.

levar as imagens de outros lugares do asilo para expor melhor o lugar no qual as idosas estavam passando seus últimos dias de vida.

Em nosso primeiro encontro, levei o caderno de fotos e me sentei na mesa de refeições. Algumas idosas se levantaram de suas camas e vieram se sentar comigo. Não me recorro das fotografias que vimos naquele dia, mas lembro que algumas senhoras trouxeram as imagens que elas possuíam (como revistas, panfletos religiosos, etc.). Maria fez diferente e foi a primeira a me mostrar fotos próprias, inclusive de sua juventude. Ao mesmo tempo, ela ficou interessada em fotografias minhas – não aquelas do asilo. Pediu-me para trazer uma foto de quando eu era criança para dar a ela.

Na semana seguinte, eu trouxe as fotos que ela solicitou. Quando a encontrei, vi em seu olho direito uma grande mancha roxa. Descobri que ela havia caído da cama e que não era a primeira vez que ela se machucava. As histórias de quedas e fraturas se misturavam com o trabalho que Maria havia realizado no asilo em tempos passados. Com esses acidentes, ela foi ficando cada vez mais dependente em suas tarefas diárias, até chegar, finalmente, à enfermaria.

O olho roxo foi o primeiro sinal de que o corpo de Maria estava perecendo. No decorrer das semanas, as trabalhadoras da enfermaria relataram a piora na sua condição de saúde: dificuldades respiratórias e resfriados eram sintomas comuns ao seu dia-a-dia. Além disso, várias vezes ela se recusava a comer em virtude de uma suposta úlcera (apesar das reclamações de Maria, os médicos nunca identificaram a doença).

Com o agravamento das condições de Maria, durante um fim-de-semana em março ela foi internada num hospital da cidade. Pelo que me foi relatado, a falta de alimentação foi crucial para a decisão. O tempo de hospitalização proporcionou uma pequena melhora à saúde, mas logo em seguida ela viria a falecer. No dia de sua morte ela estava no asilo, acompanhada por sua filha adotiva. A notícia chegou a mim cerca de uma semana depois.

O falecimento, somado aos vários encontros que tivemos (que produziram dois relatos para caderno de fotografias), tornaram a morte no asilo evidente pela primeira vez desde minha entrada no Padre Cacique. Antes de Maria, o óbito de um ou outro asilado não me era comunicado, a não ser

⁴ Defino sucesso como uma sensação de não estar forçando nada e, ainda, ser esperado para conversar.

como contagem estatística (foram cinco mortes no mês de janeiro, tantas no de março, etc.). Parece que com ela, talvez em virtude de nossa aproximação, houve a necessidade de contar o acontecido para mim, o que ocorreu durante uma das reuniões de grupo.

2.3 O Asilo como um Lugar de Passagem

Pense no asilo: dormitórios com camas separadas, que já pertenceram a outras pessoas agora falecidas; armários estufados de objetos pessoais, que devem estar trancados sob a pena de furto em caso de distração; horários pré-fixados de café da manhã, lanches, almoço e janta; eventos que ocorrem sempre em espaços coletivos; banheiros apertados e abertos, onde tudo se vê; uma grande lavanderia, composta por uma rouparia repleta de roupas anônimas, provenientes de doações; enfim, muito é de todos e pouco é de cada um.

No asilo, os idosos conversam entre si, mas dificilmente sabem de onde o colega veio. Se desconhecem o princípio das histórias do companheiro de quarto, em contrapartida têm certeza de como tudo irá acabar: na capela mortuária, num ritual provavelmente solitário, à exceção da companhia do padre, de uma ou outra enfermeira e, quem sabe, de um familiar que pôde ser localizado às pressas. Não se trata de uma novela dramática que desvela a realidade de um idoso abandonado, mas de um cotidiano comum em meu local de estágio, onde a morte, apesar de sua evidência, não é assunto para ser discutido.

O asilo é um local de passagem. Quando eu envelhecer, se minha família não puder me dar suporte, passarei meus últimos dias – ou semanas, ou meses, ou anos – num asilo, à espera de minha hora. E o tempo da morte chega para todos. Preciso estar confortável com isso quando chegar minha hora. Aceitar a verdade. Elaborar, de antemão, o luto de minha própria morte. Porque se espera do velho que ele, dadas suas experiências de vida, suas perdas e sua sobrevivência, seja o único preparado para isso. Então, quando eu for velho, mesmo se não estiver no asilo, terei de aceitar minha morte.

Ora, por quê? Não são os vivos que devem elaborar a partida dos que morrem? Por que a morte é mais aceitável na velhice? Pelos cabelos brancos? Pelas rugas no rosto? Pelas dores da vida e das juntas? Não aceito a

facilidade da morte. Só se for por não haver mais quem chore minha falta...

No asilo, há poucos que chorarão por você. Poucos sentirão a falta daquela senhora que dormia na terceira cama à esquerda da porta, apesar dos bons serviços prestados durante sua curta passagem no asilo. Haverá alguém que ficará feliz com sua partida, seja por ingressar no asilo e ocupar a sua vaga, seja porque torcia por sua morte – o único alívio para suas dores, sua mente demenciada. Afinal de contas, você foi do asilo para uma melhor.

3 Reflexões Finais

O ateu e a despedida

Em conversa com um senhor do asilo, ele me confessa ser ateu. Prefere acreditar nos Deuses astronautas, lembrando o livro de quatro décadas atrás. Afirma que eu descobriria mil coisas com essa leitura e, provavelmente, mudaria minha percepção de mundo. Então ele me conta das vezes em que a madre do asilo o convidou para ir à igreja e ele respondeu que não, até chegar a oportunidade na qual ele afirmou sua descrença em Deus. “Afinal” – disse ele – “se uma pessoa tem câncer, de nada adianta rezar. Caso contrário, a esposa do Roberto Carlos estaria viva, pois milhares de pessoas rezaram por ela”. Refletindo sobre sua própria vida, ele diz que tem a perna amputada por uma razão clara e objetiva: o uso do cigarro por décadas a fio: “não tem a ver com castigo divino ou carma, apenas com os vícios humanos”.

Para ele, nós fomos criados por alienígenas, uma raça superior que nos colocou na terra. Se temos defeito, é como um carro que sai com problema de fábrica. Da mesma maneira em que uma montadora de automóveis faz um chamado para consertar uma série de carros defeituosos, os médicos estão de prontidão para curar os defeitos humanos.

Satisfeito com a nossa conversa, digo que devo ir. Ele sorri, aperta minha mão e diz:

- Vai com Deus, meu filho.

Esta é uma parábola dos tempos em que estive no asilo. Os contos, crenças e histórias que ouvi estiveram sempre marcadas por contradições, como afirmar satisfação com a vida no asilo e negá-la nos gestos ou no olhar. Mas tais contradições não são evidentes e custam uns bons tempos de experiência para serem percebidas. Com o passar dos meses é que são explicitados

sentimentos de impotência e solidão – por parte das pessoas que afirmam satisfação com o asilamento – ou de alguma alegria e vida – demonstradas pelos outros, que se queixam e lamuriam nas primeiras palavras trocadas com os visitantes.

São os tempos passados no asilo que ora acentuam o contraste com a vida contemporânea de Porto Alegre, em sua jovialidade e rapidez, e ora atenuam preconceitos em relação à velhice. Em meu estágio, através das tentativas de intervenção, pude vivenciar cada segundo no asilo. Mas não se deve confundir o tempo com cronologia; talvez o tempo não seja apenas métrico, mas estético. As horas no asilo mostravam-se como um palco de acontecimentos, onde vidas atuavam e tentavam mostrar sua arte para um público indiferente, incapaz de perceber a passagem das histórias.

Quando consegui deixar o tempo me levar, tornei-me capaz de incorporá-lo. Através de sua extensão, deixei-me levar pela singularidade do momento. E durante esses instantes, eu via o palco. Entendia as histórias. Era possível até mesmo ensaiar com os personagens. Mas parecia durar pouco; não foram poucas as vezes em que meu cronograma me furtou daquele momento de extensão – e quando se perde o momento, tem-se uma impressão de ausência, uma sensação de um tempo que se foi.

O tempo cronológico voltava a me absorver, com relógios que indicavam a homogeneidade dos tempos de todos – como se fosse possível unificar os tempos de cada um. Naquele exato instante, impunha-se um sofrimento duradouro, quando o tempo parece impedir que a vida continue. De repente, sentia-me pequeno frente ao estalar do relógio: nada de palco, nenhum espetáculo. O asilo novamente estava enraizado na realidade.

Eis porque o título “Os tempos no asilo”. Trata-se da nomeação de uma experiência de estágio onde a percepção de tempo foi incessantemente repensada e re-significada. E não foram poucos os tempos no asilo, mas uma matriz de períodos e oscilações. Ora se percebia a vida, ora se encarava a morte; às vezes eu sabia de tudo, outras não lembrava de muito.

E se tais oscilações forem resultado de minha condição passageira no asilo? Até que ponto estive sujeito a uma experiência subjetiva própria do asilo ou, ao contrário, as sensações que tive foram fruto de minhas resistências? É difícil responder. Mas me parece importante colocar essas perguntas e reafirmar, acima de tudo, que os tempos que vivi no asilo e suas repercussões são produtos exclusivos de minha experiência. Não creio que o que passei no Padre Cacique possa ser repetido.

Se “[...] existir é, antes de mais nada, apresentar a própria imagem para o outro.” (KEHL, 2002, p. 30), então faço deste relato um sinal de minha existência. Por isso que tentei narrar o que vivi. Contar para quem conheço. Repetir na escrita, ter certeza de que estive lá e de que não se trata de um sonho fragmentado que relampeja na memória. Assim, estou afirmando minha subjetividade.

Não basta ter passado no asilo para fazer da vivência experiência: é preciso lembrar, repetir e elaborar. E, finalmente, narrar. Pois é através da narrativa que se faz possível transformar a experiência em história de vida.

THE TIMES IN THE ASYLUM: a reflection about an internship experience in Social Psychology

Abstract

This article is the synthesis of a dimension of the internship experience in Social Psychology/Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), accomplished during 10 months between the year 2002 and 2003 at the Padre Cacique Asylum. The objective is to transcribe the sensation that there are peculiar times to the condition of an asylum, in general, contrasting with the times of contemporaneity. To translate this sensation, I resort to literary style, narrating some episodes and fragments of the experience, and to photography, that allows to enhance certain aspects and personal moments of my journey in the asylum. In spite of understanding that the times that I lived at the asylum and its repercussions are exclusive products of my experience, I believe that narration and images can introduce to the reader an alternative vision of asylum subject matter.

Keywords: Asylum. Time. Photography.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KEHL, Maria Rita. Visibilidade e Espetáculo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 25-37, 2002.

148 *Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre, v. 5, p. 137-149, 2003.*

Apêndice

Fotos do Asilo Padre Cacique (Acervo do autor) - Porto Alegre

Figura 1: Infinito

Figura 2: Torre

Figura 3: Refeitório

Figura 4: Arcos

Figura 5: Café

Figura 6: Capela

Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre, v. 5, p. 137-149, 2003.

149